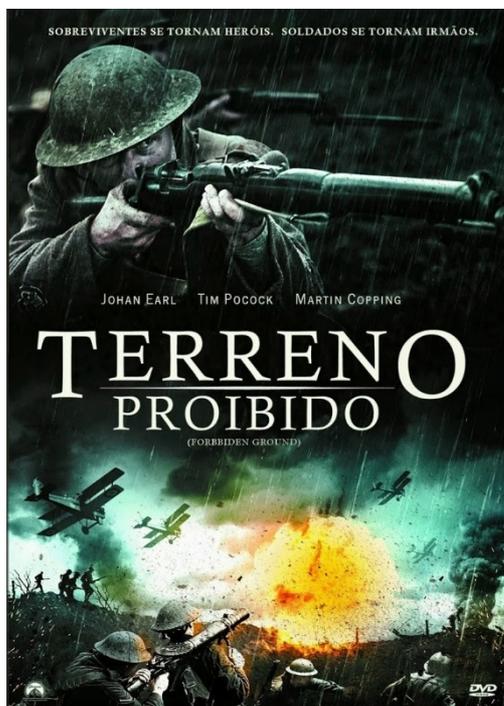


TERRENO PROIBIDO



Após um ataque malsucedido, o sargento Wilkins (Earl) se vê perdido na escuridão da “terra de ninguém”. Junto com outros dois sobreviventes, ele deve tentar retornar à sua trincheira através do terreno lamacento e devastado, enquanto os alemães se aproximam deles e um bombardeio pesado está programado para ser lançado em pouco tempo. Enquanto isso, em casa, a sua esposa está grávida de um relacionamento extra-conjugal e decide fazer um aborto.

Antes de qualquer outra consideração, é preciso elogiar a coragem dos produtores desta obra australiana: é preciso muita ousadia para, nos dias de hoje, fazer uma obra que relaciona de maneira tão contundente duas formas de morticínio estúpido – a guerra e o aborto.

O filme em si é claramente uma obra de baixo orçamento, mas feita com muita competência. Há um elogiável equilíbrio entre ação, drama humano e suspense.

A atuação dos atores em geral é soberba, bem como a ambientação e figurinos. Direção e edição excelentes, trilha sonora apenas adequada, equipamentos nem tanto. A computação gráfica não foi das melhores (embora certamente foi o melhor possível com um orçamento tão curto) e mostrava canhões que, embora não seja a minha especialidade, não pareciam com nada que eu conheça do período.

O roteiro, porém, tem seus pecados, como o oficial clichê que manda cinicamente seus homens para a morte (e que mais parece o Billy Zane com diarreia). A cena da explosão da trincheira não faz sentido: quer dizer que o plano era mesmo exterminar um batalhão inteiro de sua própria infantaria, sendo necessário que ninguém voltasse? É sério? E pra fechar, a última cena do oficial alemão foi uma das coisas mais ridículas que eu já vi na minha vida.

Merece destaque a sequência da prisão, em que Wilkins (Earl) se vê diante de uma situação ambígua, de pesar e ódio, e consegue expressar isso de forma convincente.

Resumindo, “Terreno Proibido” não é nenhum blockbuster, mas prende a atenção do espectador até o final e passa uma mensagem muito amarga para os dias caóticos que estamos vivendo.

FICHA TÉCNICA:

Título Original: "Forbidden Ground".

Elenco: Johan Earl, Tim Pocock, Martin Copping, Denai Gracie e Sarah Mawbey.

Diretores: Johan Earl e Adrian Powers.

Ano: 2013.

Classificação do SOMNIUM:



CURIOSIDADES:

- Este filme ganhou os prêmios NSW e ACT Bronze (seja lá o que for isso) da Sociedade Australiana de Cinematógrafos de 2013, "Melhor Edição" no Festival Internacional de Cinema de Barcelona em 2016 e "Melhor Narrativa de Longa" no Festival Planetário (?) de Cinema de Barcelona de 2016.

- Uma semana antes do início das filmagens, intensas chuvas cobriram o local, inundando o set da trincheira britânica. A equipe estava preocupada que isso atrasaria a produção, mas o set havia sido construído tão bem e tão de acordo com a forma como os sistemas de trincheira reais haviam sido construídos que o set inteiro sobreviveu. Na verdade, a chuva só ajudou a dar ao set um aspecto mais realista.

- Algumas das maiores explosões puderam ser ouvidas a mais de 30 quilômetros de distância. A maioria das crateras foi criada antes das filmagens, mas algumas das maiores ocorreram durante as filmagens.

- Os atores realmente realizaram suas próprias acrobacias.

- A sequência da carga na abertura do filme levou quase duas semanas para ser filmada. Com o cronograma de filmagem de 22 dias, isso significava que o elenco e a equipe chegariam ao local no final da manhã, filmariam uma parte da carga e, em seguida, fariam a transição para as filmagens das cenas noturnas durante a noite antes de encerrar ao amanhecer.

- Em dado momento, a chuva no local ficou tão intensa que o elenco e a equipe ficaram presos na lama com cerca de 30 cm de profundidade.

- O final original da sequência da carga envolvia uma acrobacia muito mais complicada do que aparece no corte final. O sargento-major Wilkins (Earl) deveria pular em uma cratera para se proteger, apenas para ser desviado do curso por uma explosão próxima e cair em água suja. O ator/diretor Johan Earl realizou a façanha, que exigiu o uso cronometrado de explosivos e arreios de dublê, mas as câmeras usadas para filmar a cena foram momentaneamente afetadas pela explosão próxima, e as tomadas foram arruinadas. O final da cena foi criado com efeitos digitais.

- Originalmente, o filme terminava após a sequência da prisão. O público de teste sentiu que o final era muito sombrio, então os cineastas voltaram seis meses depois e filmaram a cena adicional de "casa" que encerra o filme. Os diretores Johan Earl e Adrian Powers disseram que, se tivesse uma versão do diretor, retornariam ao final original.

- Esta obra foi filmada em apenas 21 dias e teve um orçamento de um milhão e meio de dólares australianos.

FUROS:

- Não tem avião nenhum no filme, a capa do DVD é pura propaganda enganosa.

- As medalhas do oficial que ordena o ataque são usadas na ordem errada e ele não poderia ter recebido uma medalha da vitória no momento da ação (ela foi concedida em 1919). Além disso, ele está usando três medalhas da 1ª Guerra Mundial "Pip", "Squeak" e "Wilfred", que foram emitidas na década de 1920.

- Durante a cena da trincheira, antes do início do ataque, há um palhete moderno na trincheira – esse tipo só foi fabricado depois da década de 1950 e muito mais comumente a partir da década de 1970.

- O sargento-major Wilkins (Earl) olha para o seu relógio várias vezes durante o filme. O relógio é de um estilo muito mais moderno do que o encontrado na época e também é um mecanismo de quartzo, como é evidente pelo tique-taque do ponteiro dos segundos que salta a intervalos de um segundo em vez de um movimento constante feito por movimentos mecânicos.

- Após ser encontrado ferido na "terra de ninguém", Rick (Copping) conversa com Wilkins (Earl) e diz que já estava "há quase três anos" na guerra. No entanto, na lápide está escrito que o ano é 1916. A guerra começou em 1914.

- Na cena final, em que Wilkins (Earl) coloca rosas num túmulo, ele está usando um relógio de aparência muito moderna com pulseira de metal.